

O indesejado efeito fariseu

Psicólogos norte-americanos descobriram que, para o eleitor, quanto menos religião na política, melhor

Aparentemente, a eleição para presidente nos Estados Unidos tem algo em comum com a brasileira. O efeito fariseu, como é chamado, poderá ser uma das grandes armadilhas criadas pela candidatura de Sarah Palin como vice na chapa republicana. É uma pena que no Brasil ainda seja incipiente.

O apelo religioso é quase sempre bem-sucedido em eleições, principalmente em comunidades mais conservadoras. Porém, quando esse apelo é exagerado, desencadeia uma rejeição ao candidato que usou a religião para melhorar a própria imagem. O protesto do eleitor e a resposta nas urnas são descritos por psicólogos como o efeito fariseu.

A *North American Journal of Psychology* apresenta um artigo escrito por Larry Powell e pelo brasileiro Eduardo Neiva, ambos da Universidade do Alabama em Birmingham, em que os autores descrevem a saga do pré-candidato Roy Moore nas prévias do Partido Republicano. Moore utilizou sua religiosidade como principal diferencial entre os outros candidatos. Nos EUA, o tiro saiu pela culatra, e o desempenho ficou aquém das expectativas. A explicação dos psicólogos é que cada vez mais os americanos querem assuntos de religião separados dos da política.

Em agosto deste ano, uma pesquisa de opinião mostrou que a rejeição ao uso eleitoral da religião foi mais acentuada nos úl-



AL BRILLO/AP

timos quatro anos e ocorreu, principalmente, entre os eleitores conservadores. A postura antiaborto de Palin é tida como uma convicção religiosa. Mas, com receio de desencadear o efeito fariseu no eleitorado republicano, ela evitou em seu discurso qualquer termo religioso.

“Será possível entender o universo? Meu Deus, já é difícil encontrar o caminho aqui no bairro” WOODY ALLEN

Por aqui, nas eleições municipais, há candidatos ligados a igrejas que pregam no horário eleitoral e exigem fidelidade dos eleitores como se fosse um dízimo. É esse mesmo abuso da religião que decretou a derrota de candidatos nos Estados Unidos. Esperemos que o eleitor brasileiro tenha essa visão e não vote nos fariseus.

VITAMINA PARA O CÉREBRO

Depois da vitamina E, do *Gingko biloba* e das palavras cruzadas, é a vez da vitamina B12 mostrar que também é importante para o cérebro. A revista *Neurology* publicou na edição de setembro um artigo da pesquisadora Anna Vogiatzoglou, da Universidade de Oxford, na Inglaterra, que comparou o cérebro de 107 indivíduos entre 67 e 87 anos com seus níveis sanguíneos de vitamina B12. Nenhum tinha deficiência da vitamina em questão. Após cinco anos, porém, em uma nova avaliação, Vogiatzoglou descobriu que quem tinha níveis mais altos de vitamina B12 apresentava uma performance melhor em testes de memória e o cérebro menos atrofiado do que seus pares com níveis de vitamina B12 mais baixos no sangue.

A autora concluiu que uma dieta pobre em vitamina B12 ou um defeito da absorção dela por uma atrofia gástrica, mais comum em idosos, podem prejudicar o cérebro. Ela sugere que idosos atentem e comam muito cereal e carne e bebam leite, alimentos ricos em vitamina B12.

CHEFINHA, CHEFINHO!

De acordo com a Universidade de Toronto, em artigo publicado na revista *Journal of Health and Social Behavior* por Scott Schieman e Taralyn McMullen, o gênero do chefe interfere na saúde mental e física de seus subordinados. Para chegar a essa conclusão, eles estudaram uma amostra de 1.800 pessoas, no ano de 2005, divididas em três grupos: um com chefe mulher, outro com chefe homem e o terceiro com dois chefes, um homem e uma mulher. Foram observados o nível de estresse,

as manifestações clínicas de estresse, o tipo de trabalho e o relacionamento interpessoal, além de outros fatores da vida no ambiente de trabalho.

O estudo descobriu que:

- Mulheres chefiadas por uma mulher relataram mais estresse e apresentaram mais sintomas físicos do que mulheres chefiadas por homens.
- Mulheres que reportavam a dois chefes, um de cada gênero, também sofriam mais do que as mulheres que tinham apenas um chefe do sexo masculino.
- Homens que possuíam apenas um chefe

apresentavam o mesmo índice de estresse, independentemente do gênero do chefe.

■ Homens que tinham dois chefes, um homem e uma mulher, reportavam menos estresse e apresentavam menos sintomas do que os chefiados por apenas um homem.

Segundo o autor principal do artigo, o gênero do chefe não é o único fator que interfere no nível de estresse no trabalho, mas é um dos principais, e age de forma independente de outros, como condições físicas do ambiente, carga horária, salário etc.